

Andrei Korobeinikov



GULBENKIAN
MÚSICA

11 dez 22

11 dez 22 DOMINGO 18:00

GRANDE AUDITÓRIO

Andrei Korobeinikov Piano

Ludwig van Beethoven

Sonata para Piano n.º 1, c. 20 min.
em Fá menor, op. 2 n.º 1

Robert Schumann

Peças de Fantasia, op. 12 (seleção) c. 15 min.

Alexander Scriabin

Sonata para Piano n.º 4, c. 8 min.
em Fá sustenido maior, op. 30

INTERVALO

Olivier Messiaen

Le baiser de l'Enfant-Jésus c. 11 min.

Ludwig van Beethoven

Sonata para Piano n.º 32, c. 27 min.
em Dó menor, op. 111

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Sonata para Piano n.º 1, em Fá menor, op. 2 n.º 1

COMPOSIÇÃO 1795

DURAÇÃO c. 20 min.

1. *Allegro*

2. *Adagio*

3. *Menuetto: Allegretto*

4. *Prestissimo*

A obra de Ludwig van Beethoven tem sido consensualmente dividida em três grandes períodos criativos. Assim, depois da fase de juventude passada em Bona, o compositor viveu um primeiro período em Viena, entre c. 1793 e c. 1802, no qual demonstrou o seu domínio da tradição clássica vienense herdada de Mozart e Haydn, afirmando a sua individualidade nesse contexto. De facto, as obras desta fase, que se destacam já pela qualidade intelectual do seu material musical, demonstram como procurou adaptar-se aos padrões do gosto vienense, revelando igualmente a sua propensão desde cedo para a ambição ao nível da forma e do discurso musical. A Sonata para Piano n.º 1, em Fá menor, foi composta em 1795 e publicada no ano seguinte, incluída num *opus* com dedicatória a Haydn. Trata-se de uma obra ousada a vários níveis, mas sempre dentro das linhas arquitetónicas formais estabelecidas, o que testemunha a seriedade da abordagem de Beethoven ao género e revela o carácter original e inconfundível do idioma musical que vinha desenvolvendo. O primeiro andamento abre com um primeiro tema marcado por uma dramática figura harpejada ascendente e pelo seu

remate com uma rápida tercina. Mais expressivo, o segundo tema, na relativa maior, inverte o gesto inicial, e a secção de desenvolvimento parte da fragmentação de ambos para aprofundar o dramatismo, reforçado pelos acordes irados que sobrevivem à recapitulação. Segue-se um *Adagio*, em Fá maior, que se inicia numa atmosfera lírica de cariz operático. Uma secção contrastante, em Ré menor, introduz algum dramatismo, até ao regresso da ideia inicial, graciosa e ricamente ornamentada. Já o *Menuetto*, em Fá menor, algo obscuro e temperamental, é caracterizado pelas figuras rítmicas ansiosas e pelos súbitos contrastes dinâmicos, contrariados pela suavidade do *Trio* central. Por fim, o *Prestissimo*, novamente em Fá menor, abre tumultuosamente com um tema baseado em acordes compactos e ferozes sobre um acompanhamento agitado, que se mantém quando surge um segundo tema em Dó menor. No lugar do desenvolvimento impõe-se uma nova ideia *cantabile*, em Lá bemol maior, mas a impetuosidade regressa, dirigindo-se inexoravelmente para um final abrupto.

Robert Schumann

(Zwickau, 1810 – Eendenich, 1856)

Peças de Fantasia, op. 12 (seleção)

COMPOSIÇÃO 1837

DURAÇÃO c. 15 min.

1. *Des Abends* (Ao anoitecer)
2. *Aufschwung* (Ímpeto ascendente)
3. *Warum?* (Porquê?)
5. *In der Nacht* (Na noite)

Robert Schumann foi um dos principais expoentes do Romantismo musical, tendo-se destacado sobretudo pelo contributo que deu à música para piano e ao *Lied* germânico. Cedo revelou o seu interesse pela música e pela literatura, o que o levaria a desenvolver um estilo composicional profundamente marcado por modelos literários, cujas implicações se observam não só na sua produção de canções, mas também na própria música instrumental. Datadas de um período extremamente fértil da sua criatividade pianística, as oito *Fantasiestücke* op. 12 foram compostas no espaço de poucos dias em junho de 1837, e o seu título coletivo evoca a coleção de contos e ensaios de E. T. A. Hoffmann intitulada *Fantasiestücke in Callots Manier* (1814-15). Com toda a sua poesia e intensidade emocional, estas peças foram criadas com as personagens Florestan e Eusebius em mente. Em causa estão as duas figuras imaginárias que representavam, respetivamente, os aspetos mais turbulentos e mais reflexivos da sua própria personalidade, e que terão sido moldadas a partir dos dois irmãos do romance *Flegeljahre*

de Jean-Paul Richter, o seu ídolo literário. Estes *alter egos* schumannianos já tinham sido retratados no *Carnaval* op. 9 e também aqui surgem frequentemente justapostos. A publicação teria lugar em fevereiro de 1838, com dedicatória para a pianista Robena Ann Laidlaw.

A série inicia-se com *Des Abends*, em Ré bemol maior, uma miniatura que decorre numa imperturbável atmosfera de grande intimismo, com a sua linha melódica sempre suave e sonhadora. A peça n.º 2, *Aufschwung*, abre com uma ideia impetuosa, em Fá menor, que alterna com três momentos contrastantes: um primeiro episódio lírico, mas ansioso, em Ré bemol maior; um outro, tranquilo, mas também jocoso, em Si bemol maior; e ainda a repetição do primeiro, agora em Lá bemol maior, antes de uma última aparição do dramatismo inicial. Segue-se *Warum?*, de novo em Ré bemol maior, uma peça breve, de caráter inocente e interrogativo. Por fim, no presente recital, na n.º 5, *In der Nacht*, em Fá menor, figurações inquietas envolvem uma melodia expressiva, que por momentos se torna mais lírica numa secção central em Fá maior, antes do regresso da perturbação inicial.

Alexander Scriabin

(Moscou, 1872 – Moscou 1915)

Sonata para Piano n.º 4, em Fá sustenido maior, op. 30

COMPOSIÇÃO 1903

DURAÇÃO c. 8 min.

1. *Andante*

2. *Prestissimo volando*

As dez sonatas para piano de Alexander Scriabin constituem um bom testemunho da evolução da sua linguagem musical ao longo do seu percurso criativo. O estilo plenamente romântico que desenvolveu numa primeira fase, em que se fez sentir a influência esmagadora de Chopin e de Liszt, aliada à prodigiosa técnica pianística que detinha, seguiria em breve um percurso bastante inovador, que o levaria a um sistema de organização tonal inteiramente novo e com um significado esotérico. A Sonata para Piano n.º 4, op. 30, foi composta em 1903, naquele que foi provavelmente o seu ano criativamente mais fértil, sendo considerada uma obra marcante do início do seu período médio. Datada de uma fase em que Scriabin começava a aprofundar os seus interesses filosóficos místicos e apocalípticos, que tanto haveriam de marcar a sua própria estética, esta é uma obra que em vários aspetos aponta para a imaginação esotérica mais característica do seu último período, mas está concebida ainda numa linguagem claramente tonal e pós-romântica. Concluída a composição, o próprio compositor delineou um programa para esclarecer o seu significado:

num poema que reflete o seu misticismo, apresenta a imagem de uma longínqua estrela flamejante, em direção à qual o sujeito poético voa numa fulgurante dança libertadora, acabando por tornar-se uno com ela. Os tópicos que este programa insinua – luz, cor, voo, dança, desejo erótico – serão recorrentes na sua produção ulterior.

A sonata foi estruturada em dois andamentos, de acordo com o modelo lento-rápido que já tinha experimentado na Sonata em Sol sustenido menor (1886) e na Sonata n.º 2, op. 19 (1897). O primeiro andamento, de conceção monotemática, decorre numa atmosfera tranquila e sedutora, com as suas harmonias constantemente suspensas, carentes de resolução, as suas texturas depuradas e as suas sonoridades luminosas. Segue-se sem interrupções o segundo andamento, um *Prestissimo volando* no qual o tema antes ouvido surge transmutado e a música imerge numa radiante celebração catártica que se dirige inexoravelmente para um clímax: uma avassaladora deflagração de acordes vibrantes em que o compositor indica *focosamente, giubiloso*.

Olivier Messiaen

(Avignon, 1908 – Clichy, 1992)

Le baiser de l'Enfant-Jésus

—

COMPOSIÇÃO 1944

DURAÇÃO c. 11 min.

Olivier Messiaen foi uma figura central da composição musical no século XX, não só pela singularidade da sua atividade criativa, como também pela influência exercida enquanto pedagogo sobre alguns dos principais compositores das gerações subsequentes. A linguagem composicional que desenvolveu foi marcada por um conjunto heterogéneo de referências, entre as quais se contam a familiaridade com a obra de Debussy, a afeição pelos estilos musicais do Extremo Oriente, o interesse por elementos da música europeia da Idade Média e da Renascença, bem como o fascínio pelo mundo natural. Destaca-se, acima de tudo, a dimensão religiosa da sua abordagem à composição musical: católico devoto, Messiaen costumava descrever-se a si mesmo como “músico-teólogo”.

Os *Vingt regards sur l'Enfant-Jésus* foram compostos entre 23 de março e 8 de setembro de 1944, tendo sido dedicados à pianista Yvonne Loriod (1924-2010), sua futura esposa, que estreou a obra em Paris a 26 de março do ano seguinte. Este ciclo extremamente exigente em termos técnicos, que constitui um dos pontos culminantes da obra do compositor,

consiste numa meditação em torno da temática cristã da Natividade e da infância de Jesus, e a sua construção inspira-se na liturgia das três missas de Natal, evocando assim o simbolismo do triplo nascimento de Jesus (no início dos tempos, na Terra e no interior da alma devota). É certo que o tema já vinha sendo sujeito a tratamento musical desde a Idade Média, mas, de facto, no âmbito do repertório pianístico a ideia de Messiaen não parece ter precedentes. A peça n.º 15, intitulada *Le baiser de l'Enfant-Jésus*, constitui um dos pilares do ciclo. Depois de as peças 1, 5 e 10 terem representado a contemplação por parte da Santíssima Trindade, agora são as pessoas comuns que são convocadas à adoração extática – e à comunhão com o amor celestial. No comentário inserido nas notas de programa para o concerto da *première*, o compositor escreveu que “Em cada Comunhão, o Menino Jesus dorme connosco ao pé da porta; então ele abre-a para o jardim e sai num clarão de luz para nos abraçar.” No final, a impressão do misterioso beijo divino permanece na ressonância de um acorde colorido.

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Sonata para Piano n.º 32, em Dó menor, op. 111

COMPOSIÇÃO 1821-1822

DURAÇÃO c. 27 min.

1. *Maestoso – Allegro con brio ed appassionato*
2. *Arietta: Adagio molto semplice e cantabile*

O último período criativo de Ludwig van Beethoven é, em todos os sentidos, o mais complexo. Entre os traços estilísticos que marcam esta fase conta-se o desenvolvimento de um lirismo mais intenso e refinado, patente por exemplo na intimidade e delicadeza características dos seus andamentos lentos, bem como no recurso frequente ao recitativo e ao arioso. É também evidente o seu novo interesse pela variação, que agora o leva a uma reinterpretação mais profunda e original do tema inicial, bem como o impulso arcaizante manifesto no seu interesse pelo contraponto e pelo modalismo. Refira-se igualmente o desafio intelectual que representava para o compositor a reformulação do princípio da sonata (posto em causa por si próprio na fase anterior), processo em que integraria os aspetos referidos anteriormente. A Sonata para piano n.º 32, op. 111, foi composta entre 1821 e 1822, num dos períodos em que colocou temporariamente de lado o trabalho na *Missa solemnis*, sendo uma das três sonatas criadas em resposta a uma encomenda do editor berlinense Adolf Schlesinger.

O primeiro andamento abre com uma breve introdução lenta e dramática que desemboca na exposição da forma sonata propriamente dita. O primeiro tema feroz e apaixonado, numa torrente implacável, é marcado por um incisivo motivo de três notas que dominará todo o andamento. Inesperadamente, o segundo tema, mais tranquilo, surge em Lá bemol maior, decorrendo essencialmente na região aguda do teclado. O desenvolvimento, bastante conciso, é particularmente contrapontístico. Após a recapitulação os tranquilos compassos finais antecipam a atmosfera que se seguirá. O segundo andamento, em Dó maior, parte da enunciação de uma ideia melódica bela e serena, sobre a qual são elaboradas quatro variações. As três primeiras constroem um movimento progressivo de aceleração, e a quarta alterna entre os fragmentos suaves sobre os murmúrios dos graves e a elaboração ligeira nos agudos, acabando por fluir numa longa coda fantástica em que a melodia da *Arietta*, uma vez recuperado o seu perfil original, alcança a sua apoteose envolta num halo etéreo.

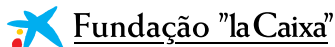
NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

Andrei Korobeinikov

Andrei Korobeinikov é não só um pianista de topo, mas também um dos intérpretes mais exigentes, sendo considerado por muitos como um dos artistas mais hábeis e talentosos da atualidade. Depois de se diplomar, com distinção, no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, concluiu uma pós-graduação no Royal College of Music, em Londres, e recebeu um prémio para “Melhor Músico da Década”. Foi premiado em mais de vinte concursos nacionais e internacionais, incluindo o Concurso Internacional de Piano Alexander Scriabin (2004) e o Concurso de Piano Rachmaninov (2005), em Los Angeles. Ao longo da sua carreira de alto nível, apresentou-se com muitas das principais orquestras mundiais como a Sinfónica da BBC, a Orquestra do Festival de Budapeste, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim, a Sinfónica da Munique, a Sinfónica NHK de Tóquio, a Filarmónica de São Petersburgo, a Filarmónica de Seul, a Orquestra Nacional de França ou a Sinfónica de Viena. Entre os maestros com os quais estabeleceu parcerias musicais duradouras podem

nomear-se Alain Altinoglu, Vladimir Ashkenazy, Iván Fischer, Lawrence Foster, Okko Kamu, Mikhail Pletnev, Andris Poga, Yuri Temirkanov e Antoni Wit. Nos recitais a solo, a mente de Korobeinikov e a sua extraordinária inteligência musical encontram o seu equilíbrio mais simbiótico. Além disso, é também um regular intérprete de música de câmara, tendo-se tornado célebre o trio que formou com Vadim Repin (violino) e Alexander Kniazev (violoncelo). A discografia de Andrei Korobeinikov é um testemunho do seu repertório de grande fôlego e das suas capacidades interpretativas invulgares. As suas gravações receberam numerosos prémios, incluindo o prestigioso *Diapason d'Or de l'année*. Entre os seus registos, destaca-se a integral das obras para piano solo de Scriabin e os dois Concertos para Piano de Chostakovitch. Como músico de câmara, gravou com Alexander Kniazev (um álbum Brahms, na etiqueta Bayerischer Rundfunk) e com Johannes Moser (Rachmaninov, Prokofiev e Martinů, para a Pentatone).

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



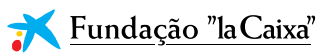
MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A

200 Exemplares

PREÇO: 2 €

Lisboa,
Dezembro 2022

